

TUDO O QUE É VIVO MORRE: ESTUDO TEOLÓGICO DAS IMAGENS ESCATOLÓGICAS DO *AUTO DA COMPADECIDA*, DE ARIANO SUASSUNA

Dayvid da Silva*

RESUMO

*Este estudo busca fazer uma leitura teológica de uma obra literária, a saber, *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, concentrando-se nas imagens escatológicas presentes na obra.*

Palavras-chave: morte, julgamento, inferno, purgatório, céu.

ABSTRACT

*This study intends to point out the theological aspects of the play, *Auto da Compadecida*, by Ariano Suassuna, focusing on the eschatological images found in the play.*

Keywords: death, judgment, hell, purgatory, heaven.

INTRODUÇÃO

A problemática da morte e de uma possível vida após a morte sempre foi tema de diversos debates, envolvendo praticamente todas as ciências. As artes também não deixaram de lado essa questão, uma vez que as mesmas são questões antropológicas, e o homem é o objeto essencial da arte. Na literatura, uma vez que é uma arte, encontram-se questões existenciais antropológicas presentes em toda página grafada que tem o homem como personagem. É o caso da obra escolhida para o estudo: *Auto da Compadecida*.

Este estudo quer mergulhar no universo dramático e cômico de Ariano Suassuna para, a partir dos elementos escatológicos da obra, buscar uma leitura teologicamente válida. A questão que se coloca é: será possível encontrar teologia numa obra que não possui fins teológicos?

* Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI, bacharelado em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, teve como orientadores e auxiliares deste trabalho o Prof. Dr. Pe. Pedro Iwashita e o Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto.

Para buscar uma resposta à questão levantada acima, o estudo concentra-se, de modo especial, na cena da morte de João Grilo e em todo o diálogo pós-morte desse personagem, relacionando esta cena com o estudo teológico sobre o fim do homem: a escatologia cristã. Para isso, a proposta é de que este estudo seja dividido em três capítulos: 1. *O autor e a importância de sua obra*, considerando suas influências espaciais (regionais), religiosas e literárias; 2. *A morte de João Grilo e o Julgamento Final*, partindo da sentença colocada na boca de outro personagem: Chicó; 3. *Leitura teológica da morte e do julgamento: aproximação entre literatura e teologia*, onde se quer usar argumentos teológicos que validem a cena.

O AUTOR E A IMPORTÂNCIA DE SUA OBRA

Como este é um estudo teológico de um texto literário popular, o qual não pretende ter em suas linhas argumentos teológicos, vê-se que é necessário conhecer um pouco da vida de seu autor para que depois se possa fazer uma análise da obra.

Ariano Suassuna: sua vida e suas influências

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, que até então era a capital da Paraíba. É filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna. Seu pai foi Governador do Estado da Paraíba no período de 1924 a 1928 e foi assassinado no Rio de Janeiro em consequência da luta política desencadeada na Paraíba, às vésperas da Revolução de 1930. A morte de seu pai aconteceu quando Ariano tinha pouco mais de três anos de idade. Com a morte de seu pai, Ariano muda-se com sua mãe, a viúva dona Rita, para Pernambuco e, depois, muda-se para o sertão paraibano com seus oito irmãos para a fazenda Acahuan, que era de propriedade da família, até que passa a residir na vila de Taperoá,¹ onde faz seus estudos primários.

O “mundo mítico” de Suassuna é totalmente construído a partir das experiências de infância numa terra seca, mas de grande cultura popular que,

¹ Taperoá ficará marcada nas obras de Ariano Suassuna. A relação que o autor tem com sua terra nos trará grandes contribuições para que se entenda o dia a dia do homem sertanejo. Também é fixando-se na cultura do sertão que Ariano Suassuna mostrará as riquezas da cultura popular nordestina.

muitas vezes, se confunde com a cultura religiosa. Usando esse contexto é que o autor paraibano apresentará as grandes imagens do imaginário popular que se encontra em *Auto da Compadecida* e em tantas outras obras de sua autoria.

Algo que marcará sua infância e que será de grande valia para a elaboração de sua mais famosa obra teatral é a presença do circo e seu personagem principal: o palhaço. O mais inesquecível palhaço para Suassuna é o palhaço Gregório, que é lembrado até hoje na literatura brasileira, uma vez que Gregório é o palhaço-narrador de *Auto da Compadecida*. Outras influências para o nosso autor são as cantigas do *Romanceiro Popular*.² Uma das cantigas do Romanceiro Ibérico aprendida e cantada em Taperoá por Ariano Suassuna, por exemplo, é “O Romanceiro da Bela Infanta”,³ da região portuguesa:

Chorava a infanta, chorava
Na porta da camarinha.
Perguntou-lhe o rei seu pai
Por que choras minha filha.
(forma em que é cantada no Brasil)

Estava a bela infanta
No seu jardim assentada
Com o pente de oiro fino
Seu cabelo penteava
(forma em que é cantada em algumas cidades de Portugal)

Ariano Suassuna utiliza-se ainda de expressões populares, imaginários, cantigas e tantos outros recursos para elaborar as suas obras, o que as enriquece ainda mais, pois as fazem verdadeiras, inspiradas no cotidiano. Suassuna é “um dos grandes ‘explicadores’ do Brasil e que, em teatro, propôs inquietante aproveitamento da arte popular para a constituição do que consideraria a autêntica arte erudita brasileira”.⁴ Na dramaturgia de Ariano Suassuna, pode-se perceber um mecanismo de comicidade extremamente

² O Romanceiro é um gênero poético de origem medieval, composto por uma coleção de romances, obras narrativas que podem ser escritas em versos ou prosas.

³ VICTOR, A.; LINS, J. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 24.

⁴ RABETTI, B. (org.). *Teatro e comicidade: estudos sobre Ariano Suassuna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005, p. 34.

vinculado, por um lado, ao acervo tradicional de recursos cômicos de literatura e teatro ocidentais; entretanto, por outro lado, vê-se que essa comicidade está muito associada ao objetivo de obter efeitos cênicos de um novo tipo, os quais discutem o teatro de seu tempo em suas relações com a cultura popular. Esses efeitos de comicidade, segundo Rabetti, são inteiramente traduzidos em efeitos de teatralidade.

Nesse sentido, vemos que Ariano Suassuna não é somente fruto de seu tempo, mas fruto de sua terra, de sua cultura, de seu povo e também de sua religião, já que, mesmo tendo seguido uma linha protestante em sua juventude, converteu-se ao catolicismo tempos depois,⁵ e isso vemos traduzido em suas obras, como afirma Fernando Lira Ximenes:

O dramaturgo paraibano sempre trabalhou no sentido de buscar “temas para peças nos assuntos do povo” (no caso, o povo nordestino) nas histórias da literatura popular em versos (cordel), poesia épica, trágica, cômica, passional, que o povo gosta de ouvir cantada pelos cegos nas feiras e por outros.⁶

A vida do homem nordestino é tratada de forma tão real nas obras de Suassuna que, quando se lê, se imagina, no mesmo instante, a cena proposta pelo autor. Talvez essa seja uma das maiores qualidades de Suassuna: fazer do leitor um “coautor”, uma vez que quem lê também cria o ambiente apresentado pelo autor à sua maneira. O leitor é convidado a ser um pouco de tudo: autor, leitor, narrador e personagem. A matéria-prima para suas obras é o homem nordestino, que aprende a viver numa terra seca, onde drama e tragédia são comuns, e a única saída é apegar-se a Deus, ao sagrado, e esperar que ele possa mandar dias melhores.

Auto da Compadecida: a obra em geral

Quando se faz uma leitura minuciosa da obra de Suassuna, é perceptível a base da mesma: as histórias populares do nordeste. Acima foi dito

⁵ A primeira obra de Suassuna, *Uma Mulher Vestida de Sol*, foi escrita em 1947, quando o autor ainda era protestante. Em 57, ele reescreve a obra, agora, já convertido ao catolicismo.

⁶ XIMENES, F. L. *Ecos do Riso: os processos comunicativos do riso universal*. Auto da Compadecida. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC, 2003, p. 32.

que Ariano Suassuna é fruto de sua terra, de sua cultura, de seu povo. Todavia, é necessário reconhecer que, mesmo tendo o “seu chão” como base, Suassuna se mostra um conhecedor da literatura medieval, o que vai ajudar ainda mais na composição do *Auto da Compadecida*. Os medievalismos presentes na obra de Suassuna são uma prova disso; um deles é o próprio título *Auto da Compadecida*. A palavra *auto* é um gênero dramático originário da Idade Média que perpassa pela literatura universal, haja vista a obra de Gil Vicente, autor português famoso pelos seus “autos”: *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Barca do Purgatório*, *Auto da Barca da Glória*, entre tantos outros “autos”.

As imagens presentes no Juízo Final em *Auto da Compadecida* possuem uma característica medieval. Existe a figura do Diabo, apresentado na obra como “Encourado”, aquele que é o responsável de acusar os réus; a figura do Cristo, o grande juiz do *Juízo Final*; a figura de Nossa Senhora, intitulada por João Grilo de “Grande Advogada”, a quem recita até um verso; além disso, há ainda os lugares para os quais vão as almas após o julgamento: inferno, purgatório e céu. É nítida também a crítica feita à hierarquia da Igreja; o bispo, o padre e o sacristão, aqueles que exercem o cuidado das almas não conseguem ir para o céu e só conseguem adentrar no purgatório graças a João Grilo, que é quem dá a ideia a Jesus de colocá-los lá. Todas essas imagens e figuras, da forma como são apresentadas, mostram uma grande influência medieval.

Saindo do medievalismo, faz-se necessário olhar para a cultura nordestina. Encontra-se na obra de Suassuna uma forte influência de textos chamados de *Folhetos de Feira*, também conhecido como *cordel*, os quais já eram conhecidos pelo povo e que no *Auto da Compadecida* ganham uma nova roupagem, mas a ideia de fundo continua a mesma. É o caso da história do enterro do cachorro e da história do gato que “descome” dinheiro, as quais encontramos numa outra versão:

ENTERRO DO CACHORRO

“Mim quer enterrar cachorro!”

Disse o Vigário: “a inglês,

Você pensa que isto aqui

É o país de vocês?”

Disse o inglês: Com cachorro

Gasto tudo, desta vez...

*“Ele, antes de morrer,
um testamento aprontou,
só quatro contos de réis
para o Vigário deixou”.*
*Antes do inglês findar,
O Vigário suspirou.*

*“Coitado! (disse o Vigário)
de que morreu esse pobre?
Que animal inteligente
E que sentimento nobre!
Antes de partir do mundo
Fez-me presente do cobre [...].*

*Mandou Chamar o Vigário [...]
“Pronto! (o Vigário chegou)
às ordens, Sua Excelência!”
o Bispo lhe perguntou:
“Então, que cachorro foi
que o reverendo enterrou?”*

*“Foi um cachorro importante,
animal de inteligência:
Ele, antes de morrer,
Deixou a Vossa Excelência
Dois contos de réis em ouro [...]
Se eu errei, tenha paciência!”*

*“Não errou, não, meu Vigário,
você é um bom pastor,
desculpe eu incomodá-lo,
a culpa é do portador [...];
um cachorro como esse
se vê que é merecedor! [...].”*

O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO

*[...] Foi na venda e de lá trouxe
Três moedas de cruzado,
Sem dizer nada a ninguém.
Para não ser censurado,
No fiofó do cavalo
Fez o dinheiro guardado [...].*

*Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro,
Saiu dizendo: “Sou rico
Inda mais que um fazendeiro
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro”.*

*Quando o velho Duque soube
Que ele tinha esse cavalo,
Disse pra velha Duquesa:
“Amanhã vou visitá-lo [...].
Se o animal for mesmo assim,
Faço jeito de comprá-lo”.*

Há muito mais, como *A Peleja da Alma*, onde existe uma invocação a Nossa Senhora; *O Castigo da Soberba*, onde se encontra a intercessão de Nossa Senhora pelas almas e a raiva do Cão (Demônio): “Homem que mulher domina não pode ser justiceiro”, à qual se pode fazer um paralelo com: “Não tem jeito não. Homem governado por mulher é sempre sem confiança” (*Auto da Compadecida*).⁷

Essas influências aparecem no decorrer da obra, que está dividida em três Atos: Ato I – *O Enterro do Cachorro*; Ato II – *A história do gato que “descome” dinheiro*; Ato III – *O julgamento*. É importante sublinhar que todo

⁷ Tanto o primeiro texto – O enterro do cachorro – quanto o segundo – O cavalo que defecava dinheiro – foram tirados da dissertação de mestrado de Fernando Lira Ximenes, *Ecos do Riso: os processos comunicativos do riso universal – Auto da Compadecida*, pp. 39-40. Estes dois textos estão, originariamente, no livro *Violeiro do Norte*, de Leonardo Mota. As demais informações também foram retiradas da dissertação de Fernando Lira Ximenes.

o drama caminha para o seu fim, o que é bem visível no *Auto da Compadecida*. Isso porque, desde o início, o contato com o sagrado está manifestado.

Os personagens

Todo bom dramaturgo sabe que o que dá vida à sua obra é a escolha de um bom personagem e que esse personagem deve estar em permanente comunicação com o contexto da obra. Ariano Suassuna trabalha essa realidade muito bem. Todos os seus personagens estão intimamente vinculados ao local em que se passa toda a história. Ao ler o *Auto da Compadecida*, até parece que se ouvem os personagens falar naquele sotaque que é próprio do nordestino; um sotaque meio arrastado, meio cantado, bem acentuado e com palavras que só as entende quem conhece a região.

Na obra existe o *Palhaço*, que é o responsável por articular os três atos e apresentar os demais personagens: *João Grilo*, um espertalhão que sobrevive à custa de trapaças e que dá o tom cômico à obra; *Chicó*, um mentiroso, que está sempre junto a João Grilo, responsável pelas grandes histórias sem explicação, próprias também do sertanejo; um *clero avarento* (padre, bispo); um *sacristão* interesseiro; um *frade*, que é o único ligado à Igreja que não é criticado na obra, ao qual o autor dá até fama de santo; uma *mulher adúltera* casada com um *homem avarento*, mostrados pelo autor como padrões cruéis; um *coronel* (próprio de algumas regiões nordestinas); *Severino de Aracaju e seu cabra*, os cangaceiros (figuras lendárias entre o povo nordestino); o “*Encourado*”, que é a figura do Diabo no imaginário popular nordestino, o qual se veste igual a um vaqueiro (faz o papel de promotor no julgamento); *Manuel*, Jesus Cristo, que aparece um pouco diferente do que imaginamos e exerce o papel de juiz; a *Compadecida*, Nossa Senhora, que exerce o papel de advogada, resgatando a imagem medieval da “Grande Advogada”.

Com os seus personagens, *Auto da Compadecida* é o que se pode chamar de uma obra cômica e, ao mesmo tempo, dramática. Ariano Suassuna faz comédia e drama caminharem juntos.

“Ecoa os caracteres populares tradicionais e ‘uma religiosidade simples, sadia, irreverente e presidida pela graça, com a condenação dos maus e a salvação dos bons’. O autor, com rara mestria, soube unir, na mesma peça teatral, o riso popular com a dor e as mazelas do sertanejo do nordeste.”⁸

⁸ XIMENES, F. L. Op. cit., p. 80.

A MORTE DE JOÃO GRILO E O JULGAMENTO FINAL

Este capítulo quer fixar-se na morte do personagem João Grilo e no julgamento de todos os que foram mortos pelos cangaceiros. É sabido que a morte é um tema deveras complexo, mais ainda quando acompanhado de um tema mais complexo do que a própria morte: o julgamento final. Todavia, mesmo sendo complexo, é um tema real e atual, uma vez que as pessoas continuam morrendo e, quem fica, acredita que o ente querido está em algum lugar fora desse plano.

A morte de João Grilo

Para uma pessoa simples, um sertanejo nordestino, a morte, embora não tenha uma explicação, tem uma razão: é “aquilo que marca o nosso estranho destino sobre a terra”; é a única certeza de que se tem, quando se nasce. Mesmo sem saber o que é a morte, esse homem simples entra no campo da escatologia.

Na obra, a morte de João Grilo está envolvida em um clima de comédia e de tragédia. Até mesmo no momento da morte, que foi violenta, o personagem solta uma “gracinha”: “Deixe de latomia, Chicó, parece até que nunca viu um homem morrer! Nisso tudo eu só lamento é perder o testamento do cachorro”.⁹ Outro momento de grande comicidade é seu diálogo com o palhaço, quando o mesmo arruma os personagens para a cena do julgamento:

Palhaço – Deitem-se todos e morram.

João Grilo – Um momento.

Palhaço – Homem, morra, que o espetáculo precisa continuar!

João Grilo – Espere, quer mandar no meu morredor?

Palhaço – O que é que você quer?

João Grilo – Já que tenho de ficar aqui morto, quero pelo menos ficar longe do sacristão.¹⁰

É interessante como o autor trabalha a questão da morte de forma tão natural, sendo possível até brincar com o fato, como faz João Grilo. Uma vez que a morte é algo irremediável, por que a tratar com tanto desespero?

⁹ Ibid., p. 97.

¹⁰ SUASSUNA, A. Op. cit., p. 99.

O julgamento final

A cena do julgamento, em *Auto da Compadecida*, pode ser considerada a pérola de toda a trama. Isso por causa de sua riqueza cultural, literária e, por que não, teológica. Deparando-se com a imagem de um julgamento na obra do dramaturgo paraibano, podem-se encontrar as influências da cultura popular nordestina, assim como as influências da literatura universal, principalmente a literatura clássica, com seu caráter “medievalizante”, como é o caso de *A divina comédia*, de Dante Alighieri:

E o meu mestre me disse: “Ao horizonte
Só torna ao som do angélico clarim,
Quando o poder opositor desponte;

Todos relembrarão a Tumba, assim
Tornando à carne e tornando à figura;
E a sentença ouvirão que não tem fim”.¹¹

Vê-se, no poema acima, uma alusão ao dia em que todos retornarão aos seus corpos e serão julgados pelo “poder opositor”, que é Jesus Cristo.

A imagem do julgamento no *Auto da Compadecida* nada mais é do que a encenação da crença do povo simples, que olha a morte com esperança de encontrar-se com o sagrado, mas que sabe que sua entrada no céu, purgatório ou inferno será antecipada por um julgamento. Ariano Suassuna, ao apresentar tal imagem, resgata os grandes autos medievais, que tinham uma preocupação religiosa. Muitas vezes, mostravam qual era o destino das pessoas após a morte. Tomando como exemplo o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, verifica-se que há, embora de modo diferente da obra de Suassuna, a figura do Diabo acusando cada um daqueles que aparece, indicando para qual barca devem ir. O julgamento é a estrela principal do *Auto da Compadecida*, mostrando para o leitor os lugares escatológicos de modo dramático e cômico.

Na peça, o inferno é apresentado como um lugar sério, onde não há espaço para brincadeiras, ou seja, para a alegria (*Auto*, p. 113). A tristeza e o sofrimento só podem estar presentes onde não há alegria e brincadeiras. Onde há sofrimento e tristeza, há inferno. Isso nos lembra a inscrição da

¹¹ ALIGHIERI, D. *A divina comédia: inferno*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998, v. 3. Canto VI, p. 57.

porta do inferno que encontramos em *A divina comédia*: Inferno, de Dante Alighieri: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís”.¹²

No *Auto da Barca do Inferno*, também se nota o desespero de quem vai para o inferno:

Fidalgo – Ao inferno, todavia!
Inferno há i pêra mi?
Oh triste! Que em quanto vivi
Nunca cri que o hi havia:
Tive que era fantasia!
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado
E não vi que me perdia.
Venha essa prancha, e veremos
Esta barca de tritura.¹³

O inferno é sinônimo de tristeza, sofrimento, tanto na obra de Dante, quanto na obra de Gil Vicente. Também Suassuna comunga desse pensamento na frase de Manuel ao Encourado: “Calma, rapaz, você não está no inferno. Lá, sim, é um lugar sério. Aqui, pode-se brincar”.¹⁴

Quanto ao purgatório, o autor oferece ao leitor uma cena inusitada: quem “salva” o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro e sua mulher é João Grilo, o “amarelo safado”. A imagem do purgatório relaciona-se com um lugar de purificação, penitência, onde se paga a dívida existente (os pecados) antes de ir para o céu. No *Auto da Compadecida* não existe uma grande sentença sobre o purgatório; há apenas o que já mencionamos:

João Grilo – Um momento, Senhor. Posso dar uma palavra?
Manuel – O que é que você acha, minha mãe?
A Compadecida – Deixe João Falar.
Manuel – Fale, João.
João Grilo – Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

¹² Ibid. Canto III, p. 37.

¹³ VICENTE, G. *Auto da Barca do Inferno*. Lisboa: [s.n.], 1843. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JcIGAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 15/04/2010, p. 219.

¹⁴ SUASSUNA, A. Op. cit., p. 113.

Manuel – Estão.

João Grilo – Pegue esses cinco camaradas e bote lá!

A Compadecida – É uma boa solução, meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação.¹⁵

O autor dá um toque irônico nessa parte da peça. Outro ponto importante é o que diz a Compadecida: “Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação”, que vem ao encontro daquilo que a cultura popular pensa, quando se fala de purgatório.

Também Gil Vicente, em *Auto da Barca do Purgatório*, apresenta este como um lugar onde se expiam os pecados para poder alcançar a glória:

Anjo – Digo que Andes assi
Purgando nessa ribeira,
Até que o Senhor Deos queira
Que te levem pera si
Nesta bateira.¹⁶

Dante não é diferente em *A divina comédia: purgatório*, onde mostra o purgatório como o lugar de a alma purificar-se¹⁷ para ser digna de elevar-se ao céu:

Pra correr melhor água içá o batel
Do engenho meu seu velame, que o mar
Atrás de si abandona tão cruel;

Ora o segundo reino vou cantar
Onde a alma humana purga-se e auspícia
Torna-se digna de ao céu se elevar.¹⁸

Com relação ao céu, o autor mostra que é o lugar privilegiado (seguindo Dante em *A divina comédia: paraíso* e Gil Vicente em *Auto da Barca da*

¹⁵ Ibid., p. 132.

¹⁶ VICENTE, G. *Auto da Barca do Purgatório*. Lisboa: [s.n.], 1843. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JcIGAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 15/04/2010, p. 255.

¹⁷ A purificação proporcionada pelo purgatório na visão de Dante deve passar pelo sofrimento. É a velha imagem medieval da penitência sofrida, a qual serve para que nos arrependamos de nossos pecados e alcancemos a salvação.

¹⁸ ALIGHIERI, D. *A divina comédia: purgatório*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998, v. 3, canto I, p. 13.

Glória), para onde vão os puros e inocentes e aqueles que, mesmo pecando, não tiveram consciência de seus atos, como Severino de Aracaju e seu cabra:

A Compadecida – Quanto a Severino e ao cabra dele...
Manuel – Quanto a esses, deixe comigo. Estão ambos salvos.
Encourado – É um absurdo contra o qual...
Manuel – Contra o qual já sei que você protesta, mas não recebo seu protesto.
Você não entende nada dos planos de Deus.
Severino e o cangaceiro dele foram meros instrumentos de sua cólera.
Enlouqueceram ambos, depois que a polícia matou a família deles e não eram responsáveis por seus atos.
Podem ir por ali.
(Severino e o Cangaceiro abraçam os companheiros e saem para o céu).¹⁹

Dentro da trama do julgamento, o único que não vai para nenhum desses lugares é João Grilo. Ele recebe uma nova chance de voltar à sua vida e cuidar para que não cometa o mesmo erro. É um fato inusitado, mas que dá um brilho à trama.

A imagem de céu, purgatório e inferno é algo que está enraizado em nossa mente, através de nossa religiosidade. É interessante que nos dois autores citados, Dante Alighieri e Gil Vicente, assim como em Suassuna, encontramos essas imagens como “lugares para onde as almas vão e onde se passa o tempo” (no caso do purgatório, “um tempo”, até que se purifique de tudo o que se fez para que possam alcançar a salvação).

LEITURA TEOLÓGICA DA MORTE E DO JULGAMENTO: APROXIMAÇÃO ENTRE LITERATURA E TEOLOGIA

Tendo visto um pouco da estrutura da obra, é necessário ater as atenções no coração deste estudo. Para isso, uma coisa deve ficar clara: embora Ariano Suassuna use elementos teológicos em sua obra, isso não quer dizer que o intuito do autor era fazer teologia. O que se pode notar é que Suassuna, através de sua obra, apresenta a problemática da existência

¹⁹ Ibid., p. 131.

humana, considerando alegria e tristeza, drama e comédia, a vida de um sertanejo como ela é.

O ápice dessa problemática existencial dá-se na morte de alguns personagens, quando o autor, de forma brilhante, através de Chicó, dá a sentença de morte a João Grilo. Todavia, a peça não acaba na morte de João; pelo contrário, ela toma novo fôlego e caminha para aquilo que já era anunciado pelo Palhaço no início da obra.²⁰ Aqui se retoma a questão formulada na introdução deste estudo: será possível encontrar teologia numa obra que não possui fins teológicos? No caso da obra de Suassuna, são visíveis os elementos teológicos, o que facilita a empreitada.

Para responder à questão acima levantada, tem-se como base o que diz Antonio Manzatto:

Se tudo o que é humano interessa à literatura, o mesmo acontece com relação ao domínio religioso do homem. A teologia, o crente e a religião, enquanto realidades humanas, interessam ao escritor e figuram assim em obras literárias. Mas mesmo conceitos mais especificamente teológicos, como pecado, sacramento, graça, mística e outros ainda, também são encontrados em romances ou em poesias [...]. O que a teologia mais oferece à literatura são temas teológicos, tais como Deus, fé, Igreja, relações entre homem e Deus, que são também as questões fundamentais da teologia. O escritor pode tratar esses temas positiva ou negativamente, ou ainda como um absurdo, mas eles estarão presentes em sua obra.²¹

Manzatto parte do princípio de que o homem é conteúdo essencial para a literatura, assim também como o é para a teologia. Nisso, literatura e teologia já se comunicam. Outro ponto importante apresentado pelo próprio Manzatto é que a literatura é composta, muitas vezes, por aquilo que a teologia lhe oferece: os temas teológicos. No *Auto da Compadecida*, esses elementos são nítidos, como: Jesus Cristo (que é homem e Deus, como mostra o autor), fé, Igreja, bênçãos, Maria (a Compadecida), julgamento após a morte, as imagens de céu, purgatório e inferno, diabo; todos são elementos teológicos. Dentre esses elementos, não é viável inserir a morte,

²⁰ Ibid., p. 15.

²¹ MANZATTO, A. *Teologia e Literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 65.

uma vez que a mesma só recebe um sentido teológico quando o dão, ao contrário dos demais. Todavia, este estudo também fará uma leitura teológica da morte, uma vez que, teologicamente, é a porta para o *eskathon*, ou seja, o fim último do ser humano.

Leitura teológica da sentença proferida por Chicó, quando da morte de João Grilo

Este estudo se concentra na morte de João Grilo não simplesmente por causa da morte, mas também por causa das palavras de Chicó ao ver seu amigo morto:

Chicó – João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre.²²

Antes de dizer estas palavras na morte de João Grilo, Chicó já havia dito as mesmas palavras na morte do cachorro do primeiro Ato. A conclusão dessa sentença é: “Tudo que é vivo, morre”. A morte iguala todas as coisas viventes, seja humano, animal ou vegetal. Tudo se encontra com o único mal irremediável, que é a morte.

A questão da morte é algo discutido desde os primórdios da humanidade. O homem sempre se perguntou sobre a necessidade e objetividade da morte, o que viria após a mesma, se existe uma continuação em outro plano ou se tudo acabaria ali. São questões que perpassam a história da humanidade, cheias de explicações, mas sem nenhuma certeza do que seja mesmo a morte. Por isso, não é difícil que uma sentença como a de Chicó esteja também na boca de milhares. Não se sabe por que se morre, mas sabe-se que tudo o que é vivo morre.

Para explicar a questão da morte, o homem refugiou-se na religião, na qual procura uma explicação convincente sobre tal fenômeno. Por isso, nas mais antigas religiões, a questão da morte está sempre presente; até mesmo o culto aos mortos é uma forma de manter o falecido sempre presente.

²² SUASSUNA, A. Op. cit., p. 97.

A filosofia, ao buscar a origem da vida, deparou-se também com a questão da morte, uma vez que vida e morte não podem conviver simultaneamente na mesma pessoa. Muitos viram na morte a libertação da alma, que está presa num corpo corruptível que a leva a uma fraqueza mundana, como os vícios. Um bom representante desse tipo de pensamento é Platão. A corrente que leva seu nome, o platonismo, assim como o gnosticismo e, até mesmo, alguns Padres da Igreja, como Santo Agostinho, seguem a linha de que na morte a parte perfeita do homem, a alma, se liberta da parte imperfeita, o corpo (dualismo antropológico). Outros filósofos, porém, entendem que o ser humano não é soma de partes, mas um todo. Tomás de Aquino usa a antropologia de Aristóteles para afirmar que o homem não é constituído por duas substâncias separadas, corpo e alma; são, na verdade, dois aspectos de um homem indivisível. Dessa forma, o que morre é o homem, não apenas o corpo do mesmo. Na linha da integralidade antropológica temos também o Concílio Vaticano II, que diz: “Pois Deus chamou e chama o homem para que ele, com sua natureza inteira, dê sua adesão a Deus na comunhão perpétua da incorruptível vida divina”.²³ Martin Heidegger, filósofo existencialista, por sua vez, afirma que o homem é um “ser-para-a-morte” e que não existe outra possibilidade para o mesmo. Após a morte não há existência para o homem, porque é impossível imaginar o Ser existente fora do tempo. Entretanto, mesmo com tantas reflexões acerca da morte, ainda continua a questão: o que é a morte? Existe algo após a morte?

A teologia também vem dar a sua opinião sobre a questão da morte. A sentença que Chicó profere, quando da morte de João Grilo, é a certeza universal: tudo o que é vivo morre. A morte é o único mal irremediável, aquilo que une a todos num só rebanho de condenados; esse é o pensamento da maioria das pessoas. Mas no *Auto da Compadecida* existe, logo em seguida à morte de João Grilo, a cena do julgamento, o que deixa claro que a morte do personagem não foi o final da história. Dessa forma, assim como a obra de Suassuna, a teologia também acredita que a morte não é o final da história, mas, ao contrário: com a morte, existe o encontro pessoal com Deus; a morte não é a última palavra; somos seres capazes de ressurreição, *Capax Dei*. A morte seria uma ruptura com o mundo material, transformando a realidade pessoal em “realidade espiritual”; é o nosso encontro com o *eskathon*.

²³ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. Introdução e Índice Analítico de Frei Boaventura Kloppenburg. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 251.

A escatologia e o processo vida–morte–pós-morte: o homem é um “ser-para-Deus”

O termo *escatologia* não é muito conhecido pela maior parte da população, embora seja tema de vários embates. Sempre que se fala de morte e ressurreição, julgamento, inferno, céu, purgatório, fala-se de imagens próprias da escatologia, no caso, cristã. A escatologia busca “as coisas últimas”, ou o futuro absoluto, que não necessariamente significa “fim do mundo”, como podemos ver:

O termo “escatologia” vem de “eskathon”, que em grego significa *futuro absoluto*. Ao estudarmos escatologia, estaremos então perguntando pelo destino último de todas as coisas que existem ou pelo plano de Deus para toda a criação. Futuro absoluto não significa somente pergunta pelo fim do mundo (“eskatha”: coisas últimas), mas pelo sentido mais profundo de tudo o que existe já hoje, assim como também existirá no futuro.²⁴

A escatologia cristã, partindo daquilo que já existe, vem dar esperança ao ser humano. O homem vê-se como ser finito e, por isso, busca uma realidade em que ele possa continuar existindo de alguma forma. Ele sabe que terá que passar pela experiência da morte e, por isso, em vida, se prepara para esse momento.

A morte, segundo a escatologia cristã, não é o fim de tudo. Ela é, na verdade, uma transformação da vida do ser humano, na qual, saindo do espaço físico, atinge a realidade espiritual. Nesse sentido, para quem crê em Deus, a morte não é o *eskathon*. O homem, então, em vez de ser um “ser-para-a-morte”, é, na verdade, um “ser-para-Deus”. Deus é o *eskathon* do ser humano. É necessário, porém, reconhecer a morte do homem como um fato real, como afirma a tanatologia. Entretanto, a morte, teologicamente falando, não pode ser a última palavra, porque Deus é Vida. Se o fim último do homem é Deus, logo, o fim último do homem é a Vida.

O que nos dá a certeza da vida após a morte é a ressurreição de Jesus Cristo. Por sua ressurreição, Cristo dá-nos a possibilidade de ressuscitar, passando da morte para uma vida nova. É o que chamamos de “vida eterna”, que foi prometida por Jesus Cristo: “Não se perturbe o vosso coração!

²⁴ MANZATTO, A.; PASSOS, J. D.; VILLAC, S. *De esperança em esperança*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 12.

Crede em Deus, crede também em mim! Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu ter-vos-ia dito; pois vou preparar-vos um lugar, e quando eu for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e levar-vos-ei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14,1-3); “Em verdade, em verdade, digo-vos: aquele que crê, tem a *vida eterna*” (Jo 6,47).

Na obra encontra-se, ainda, o encaminhamento dos personagens às realidades de purgatório e céu — no livro temos a impressão de um lugar/ espaço, pensamento da maioria da população —, mas só é possível um julgamento se o julgado estiver presente, o que já caracteriza a presença daquele que morreu. Suassuna, embora não fale de ressurreição, ao garantir o céu para dois de seus personagens, garante a vida eterna e, se garante a vida eterna, garante a ressurreição. O julgamento visa a salvação dos personagens, não a sua condenação. Mesmo para aqueles que estão no purgatório, é-lhes garantida a salvação. Teologicamente, a salvação e a ressurreição são realidades inseparáveis, uma vez que, pela morte e ressurreição de Cristo, o homem é salvo.

Com isso, segundo a escatologia cristã, após a morte há, sim, uma vida. Todavia, essa vida é uma vida nova, ou seja, uma vida transformada. É o mesmo homem, com a mesma identidade pessoal, mas agora está numa realidade em que não se morre mais.

O julgamento final: o homem perante si e perante Deus

O tema do julgamento final é algo que não pertence apenas ao cristianismo. A tradição apocalíptica e profética judaica já anunciava a vinda do Reino de Deus, e, quando o Reino viesse, as pessoas seriam julgadas segundo aquilo que fizeram em sua vida; no caso da leitura apocalíptica, este mundo seria aniquilado e substituído por outro, no qual Deus governaria. A vinda do Messias é o sinal da instauração do Reino de Deus aqui na terra.

Em Mateus 25,31-46, podemos ver o tema do julgamento bem explícito:

Quando o Filho do Homem vier em sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita: “Vinde benditos de meu

Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo, pois tive fome e deste-me de comer. Tive sede e deste-me de beber. Era forasteiro e acolheste-me. Estive nu e vestiste-me, doente e visitaste-me, preso e viestes ver-me”. Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?” Ao que lhes responderá o rei: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”. Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos, porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso, e não me visitastes”. Então, também eles responderão: “Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te socorremos?” E ele responderá com estas palavras: “Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”. E irão estes para o castigo eterno enquanto os justos irão para a vida eterna.

Este evangelho é um exemplo de imagem de julgamento. Temos dois grupos: o grupo dos justos, que ganham a vida eterna; e o grupo dos condenados, que recebem o castigo eterno. No evangelho, Jesus dá as condições necessárias para que alguém seja salvo; quem não fizer, receberá o castigo, estará “à esquerda”, enquanto os justos estarão “à direita”.

A escatologia cristã acredita que, no julgamento, há o encontro entre o homem e Deus. Esse encontro, todavia, é também um encontro do homem consigo mesmo. O julgamento coloca o homem numa situação de orante/penitente, pois, mesmo tendo pecados, existirá sempre a esperança de salvação. Esse julgamento pessoal, ou particular, seria uma espécie de preparação para o dia do grande juízo final, quando teríamos a dimensão social desse primeiro encontro. Não é mais um juízo particular, mas um juízo universal.

O *Auto da Compadecida* não deixa claro que tipo de juízo é o mencionado, mas podemos ver que, num momento, dá a impressão de um juízo

particular, noutra, universal, o que, na realidade, não dificulta em nada a compreensão de julgamento, uma vez que a escatologia afirma também que tanto juízo particular como universal acontece no momento da morte, como afirma Renold Blank:

A afirmação de que o juízo final acontece no momento de nossa morte torna-se evidente quando tomamos em consideração aquilo que a tradição sempre afirmava sobre o destino daqueles que morreram: eles saíram da dimensão temporal, para entrar na eternidade. Eternidade, porém, significa por definição que não há mais tempo. Não há então nem antes, nem depois para aquele que morreu. Na eternidade só há eterno agora.²⁵

Se ambas as experiências acontecem no momento da morte, por que separar então o juízo particular do juízo final? Isso acontece porque o homem é um ser individual, mas que não vive somente na sua individualidade; é um ser relacional, social. Todos os seus atos atingem não somente a si, mas a todos. Uma vez sendo julgados, estes seguem para o que chamamos aqui de “realidades escatológicas”: céu, purgatório e inferno. Chamamos realidades porque não se pode afirmar que na eternidade existam “lugares”, que dão a ilusão de “espaço”, da mesma forma que não existe o “tempo”.

Quando se lê a obra, percebe-se que, no imaginário popular, essas três realidades são “lugares” para os quais se vai após o julgamento. Não é difícil encontrar quem diga que o inferno é um “lugar” de sofrimento eterno e que o diabo espeta com seu garfo as almas que ali se encontram; o purgatório é “lugar” para onde vão as almas que não podem ir direto para o céu; nesse lugar as almas deverão sofrer para pagar seus pecados; o céu, por sua vez, é um lugar de paz, onde as almas vivem alegres na presença de Deus; isso sem contar com as almas penadas, que são aquelas que não vão nem pra um lugar nem pra outro, ficam vagando na terra por causa da violência da morte ou porque morreram antes da hora marcada por Deus.²⁶ Diante dessa mentalidade, o que diz a teologia?

²⁵ BLANK, R. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 300.

²⁶ MANZATTO, A.; PASSOS, J. D.; VILLAC, S. Op. cit., p. 17.

Inferno

Naquilo que se refere à literatura, foi visto que o inferno é o lugar de sofrimento eterno, onde não há mais possibilidade de salvação. Assim também pode ser entendido o inferno na visão teológica. Na teologia, o que caracteriza o estado de inferno é a noção de uma morte eterna, como afirma Renold Blank:

Pode ser que nesse caso o âmago da pessoa humana permaneça naquela situação de estar morto, condenado para sempre a uma situação limiar e estática em que a sua vida temporal venha a cessar sem que a vida nova possa iniciar-se. Essa situação será uma situação-limite sem a condição de poder ser superada. Imobilizada fora do tempo. É com essas imagens que se pode tentar descrever a situação de morte sem ressurreição em Deus.²⁷

Como Gil Vicente, em *Auto da Barca do Inferno*, a teologia acredita que não é Deus quem condena a pessoa ao inferno. Ela própria, recusando-se a acreditar em Deus, deixando de amar o próximo, faz o seu caminho de inferno. Para que alguém se una a Deus, é necessário antes fazer a opção de amá-lo.²⁸ O inferno é a realidade em que estão presentes aqueles que não amam, “pois quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8).

Purgatório

É muito comum escutar que se deve rezar pelos defuntos para que eles não corram o risco de ir para o purgatório, ou, se forem, para que estes saiam de lá o mais rápido possível. Espaço e tempo estão intimamente ligados com a realidade do purgatório, assim como a imagem de um lugar onde se sofre para pagar os pecados e, assim, poder alcançar a glória dos céus. A cultura popular vê o purgatório com esses olhos, como podemos ver nas mais numerosas obras que tratam do tema. A questão é que, por muito tempo, o purgatório foi associado ao fogo purificador. Ora, quem já queimou a mão sabe o quanto dói; imagine passar

²⁷ BLANK, R. Op. cit., p. 246.

²⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000. n. 1033.

a eternidade queimando. É por isso que se tem que rezar para que os entes queridos “saiam de lá”, para estarem livres do sofrimento, como afirma Karl Lehmann:

Símbolos e imagens, que não deviam passar de sinais provisórios, endureceram-se, transformando-se em representações e conceitos rígidos; o uso da imagem do fogo que purifica, por si só, já mostra isto. Tudo o que se havia incluído na palavra “purgatória” passou a ser dominado pela ideia da punição e da compensação: imaginava-se o purgatório como uma sala de torturas, como um celeste campo de concentração, onde os horrores se sucedem.²⁹

Deixando de lado a imagem de purgatório como lugar onde se pagam pecados, podemos dizer, com a teologia, que o purgatório é, na verdade, aquela última chance que o homem tem, na sua morte, de alcançar a salvação. Não é um lugar, mas um processo. No purgatório prevalece a *Misericórdia Dei*:

O olhar de Deus é o fogo purificador [...]. Quando o homem, no momento da morte, se vê colocado diante da glória de Deus e sente erguer-se diante de dele o sol ofuscante da justiça e do amor divinos, sua imperfeição e seu pecado manifestam-se clara e plenamente. Tudo o que não é justiça, o fogo de Deus consome.³⁰

Com isso, purgatório não é lugar de desespero e sofrimento e, sim, lugar de esperança. Deus não deseja a condenação de ninguém; no encontro com Deus, todavia, o homem percebe-se pecador e não digno da glória do céu. Nesse sentido, a imperfeição do homem é suprida pela perfeição de Deus; a graça divina age no homem, purificando-o de qualquer impureza.

A doutrina do purgatório, embora esteja presente na fé das pessoas desde os primórdios do cristianismo, só foi confirmada pela Igreja nos concílios de Florença e de Trento, mas com base em toda a tradição cristã. Assim diz o Concílio de Trento:

²⁹ LEHMANN, K. O purgatório. In: *Revista Communio*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 421, set./out. 1982.

³⁰ *Ibid.*, p. 427.

Já que a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das Sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecumênico, ensinou que o purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e, sobretudo pelo santo sacrifício do altar, o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte (Cânon 1820).³¹

Essa doutrina gera inúmeras discussões no campo teológico, principalmente entre católicos e protestantes. Outras religiões até acreditam na necessidade de purificação, mas caem na doutrina reencarnacionista, segundo a qual a pessoa necessita voltar diversas vezes ao mundo, reencarnando-se, cumprindo o seu “carma”, para que possa alcançar um estado de glória. Nesse sentido, essa purificação não é um estado, como afirma a doutrina do purgatório, mas um “estágio”, em que a pessoa evolui, atingindo níveis superiores.

Céu

O céu, para aquele que crê, é a realidade suprema, em que vive eternamente quem morre na graça e na amizade de Deus, como diz o Catecismo; é a visão beatífica de Deus; é o momento de repousar em Deus, como nos diz Santo Agostinho. Os que vão para o céu são aqueles que souberam amar a Deus e os irmãos, como vemos em Mt 25,31-46. Sua grande recompensa é a vida eterna.

O céu é, dessa forma, o viver com Cristo, ou seja, pelos méritos de Cristo, somos recebidos na realidade celeste. O Catecismo da Igreja Católica afirma no n. 1024 que

por, sua morte e Ressurreição, Jesus Cristo nos abriu o Céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associou à sua

³¹ DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 2007, p. 459.

glorificação celeste os que creram nele e que ficaram fiéis à sua vontade. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados a Ele.³²

Também, nesse ponto, o *Auto da Compadecida* concorda com a teologia. O céu é o lugar de alegria. Diante de Deus não há lugar para sofrimento, o homem atinge a plenitude de sua existência.

CONCLUSÃO

O título deste trabalho propõe que se faça uma análise teológica das imagens escatológicas do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Por imagens escatológicas entendem-se: morte, julgamento, inferno, purgatório e céu. Entretanto, no processo de estudo ficou claro que não se podem aniquilar partes anteriores à área concentrada, uma vez que toda a obra indica o seu final. São peripécias de um “amarelo safado” que conduzem os personagens à grande “cena escatológica” do *Auto da Compadecida*. Decidiu-se, então, considerar os aspectos próprios de um auto, até mesmo para indicar aos leitores as influências de Suassuna no processo de produção da obra. Deve-se confessar que foi algo de muito proveito. Trabalhar os aspectos de comicidade da obra do escritor paraibano tornou-se uma experiência inesquecível.

Já nos dois primeiros atos ficou perceptível uma possível comunicação entre literatura e teologia, não por causa da visão de Deus, o que não deixa de ser importante, mas por causa da visão do homem que o autor apresenta. *Auto da Compadecida*, antes de ser uma simples peça teatral que resgata elementos medievalizantes, como os romanceiros, é um verdadeiro estudo de antropologia. O autor toma o cuidado de não “pintar” a paisagem mais bonita do que ela é. Ele parte do cotidiano de pessoas simples, que no dia a dia dão “seu jeito” para sobreviver. O olhar do autor está fixo no homem sertanejo, com suas crenças, cultura e linguagem.

Nesse mesmo caminho também vai a teologia. Sendo a teologia uma reflexão sobre a fé, dela não se pode desvincular a experiência que se faz de Deus, do homem e do mundo. Literalmente, teologia é “estudo sobre Deus”. Ao estudar Deus, depara-se com as questões existenciais do homem,

³² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1024.

as mesmas que fazem o homem buscar Deus. Nesse sentido, quando se diz que a obra que é trabalhada olha o homem simples em sua cultura própria e que a teologia segue na mesma direção, diz-se que o olhar da teologia, por ser um estudo sobre Deus, não pode desviar-se do olhar de Deus; e o olhar de Deus está fixado no homem, considerando também a sua cultura, a sua simplicidade. Por que Deus se revelaria, se não fosse para salvar o homem?

Outro ponto que não se pode deixar de lado são as imagens presentes na obra. No corpo deste estudo, foi exposto que as imagens escatológicas presentes no *Auto da Compadecida* são próprias do campo teológico. Contudo, não só o *Auto da Compadecida*, mas também outras obras literárias fazem uso das mesmas, dando, muitas vezes, sua própria interpretação. Haveria, portanto, uma negação por parte da literatura da leitura teológica? Cremos que não. O que acontece é que tanto a leitura teológica quanto a interpretação literária de tais imagens passam por evoluções de pensamento; é o caso das obras literárias que analisamos. Enquanto Dante e Gil Vicente mostram o sofrimento do inferno, Suassuna brinca com a existência dessa realidade, tanto que não “manda” nenhum dos personagens para lá; prefere apresentar a misericórdia em vez de uma sede por sofrimento da parte de Deus. A teologia, da mesma forma, toma o cuidado de não afirmar a condenação de determinada pessoa, porque, antes de mais nada, está fundada no princípio da esperança.

Com isso, pode-se afirmar que é possível relacionar literatura e teologia pelo simples fato de ambas terem o olhar fixo no homem, que é *locus theologicus*, e de a literatura fazer, muitas vezes, uso de imagens próprias da teologia. Mesmo que não haja a intenção de fazer teologia, numa obra literária, como *Auto da Compadecida*, não é difícil encontrar elementos constituintes da mais alta teologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANK, R. J. *A morte em questão*. São Paulo: Loyola, 3. ed., 1998.
- _____. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo de hoje*. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg. Petrópolis: Vozes, 1991.

- ALIGHIERI, D. *A divina comédia: inferno*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, v. 3, 1998.
- _____. *A divina comédia: purgatório*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, v. 3, 1998.
- _____. *A divina comédia: paraíso*. Tradução de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, v. 3, 1998.
- DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 2007.
- VICENTE, G. *Auto da Barca do Inferno*. Lisboa: s.n., 1843. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JclGAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 abr. 2010.
- _____. *Auto da Barca do Purgatório*. Lisboa: s.n., 1843. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JclGAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 abr. 2010.
- _____. *Auto da Barca da Glória*. Lisboa: s.n., 1843. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JclGAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_slider_thumb#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 abr. 2010.
- LEHMANN, K. O purgatório. *Revista Communio*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 421, set./out. 1982.
- MANZATTO, A. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- _____; PASSOS, J. D.; VILLAC, S. *De esperança em esperança*. São Paulo: Paulus, 2009.
- RABETTI, B. (org.). *Teatro e comicidade: estudos sobre Ariano Suassuna e outros ensaios*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.
- SUASSUNA, A. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros).
- VICTOR, A.; LINS, J. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- XIMENES, F. L. *Ecos do riso: os processos comunicativos do riso universal: Auto da Compadecida*. 146p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) São Paulo: PUC, 2003.